

JUSTIFICATIVA
PL 319/2013

O presente Projeto de Lei não apenas homenageia mas reconhece a enorme contribuição histórico-social da vertente wesleyana do cristianismo. Tal vertente é tributária do pensamento e da prática de John Wesley, clérigo Anglicano que liderou um grande avivamento na Inglaterra do século XVIII.

John Wesley viveu na Inglaterra do século XVIII, uma sociedade conturbada pela Revolução Industrial, onde crescia muito o número de desempregados. A Inglaterra estava cheia de mendigos itinerantes, políticos corruptos, vícios e violência generalizada. O cristianismo, em todas as suas denominações, estava definhando. Ao invés de influenciar, o cristianismo estava sendo influenciado, de maneira alarmante, pela apatia religiosa e pela degeneração moral. Dentre aqueles que não se conformavam com esse estado paralisante da religião cristã, sobressaiu-se John Wesley. Primeiro, durante o tempo de estudante na Universidade de Oxford, depois como líder no meio do povo. John Wesley, décimo terceiro filho do ministro anglicano Samuel e de Susana Wesley, nasceu a 17 de junho de 1703, em Epworth na Inglaterra.

Devido às atividades pastorais que impediam o Reverendo Samuel de dar a devida assistência ao lar, Susana assumiu a administração financeira da família e a educação dos filhos e filhas. Disciplinava-os com rigidez, mantendo um horário para cada atividade e reservando um tempo de encontro com cada filho para conversar, estudar e orar.

Ainda na infância, John Wesley foi o último a ser salvo, de forma miraculosa, em um incêndio que destruiu toda sua casa, onde estivera preso no segundo andar. A partir desse dia, Susana, sua mãe, dedicou-lhe atenção especial, pois entendeu que Deus havia poupado sua vida para algo muito especial.

Aos cinco anos de idade, Susana Wesley começou a alfabetizar John, usando o livro dos Salmos como apostila.

John estudou com sua mãe até os 11 anos. Entrou, então, para uma escola pública, onde ficou como aluno interno por seis anos. Aos 17 anos, foi para a Universidade de Oxford.

No dia 24 de maio de 1738, numa pequena reunião, ouvindo a leitura de um antigo comentário escrito por Martinho Lutero, pai da Reforma Protestante, sobre a carta aos Romanos, John sente seu coração se aquecer. Experimenta grande confiança em Cristo e recebe a segurança de que Deus havia perdoado seus pecados.

No dia 24 de maio de 1738, na rua Aldersgate, em Londres, Wesley passou por uma experiência espiritual extraordinária, é assim narrada em seu diário:

“Cerca das oito e quinze, enquanto ouvia a preleção sobre a mudança que Deus opera no coração através da fé em Cristo, senti que meu coração ardia de maneira estranha. Senti que, em verdade, eu confiava somente em Cristo para a salvação e que uma certeza me foi dada de que Ele havia tirado meus pecados, em verdade meus, e que me havia salvo da lei do pecado e da morte. Comecei a orar com todo meu poder por aqueles que, de uma maneira especial, me haviam perseguido e insultado. Então testifiquei diante de todos os presentes o que, pela primeira vez, sentia em meu coração”

Nos 50 anos seguintes, Wesley pregou em média de três sermões por dia; a maior parte ao ar livre. Houve uma vez que pregou a cerca de 14.000 pessoas. Milhares saíram da miséria e imoralidade e cantaram a nova fé nas palavras dos hinos de Carlos Wesley, irmão de John. Os dois irmãos deram à religião um novo espírito de alegria e piedade.

Como não havia muitas oportunidades na Igreja Anglicana, Wesley pregava aos operários em praças e salões - muito embora ele não gostasse de pregar fora da

Igreja - E tornou-se conhecidíssima esta sua frase: "o mundo é a minha paróquia". Influenciados pelos moravianos, John e seu irmão Carlos organizaram pequenas sociedades e classes dentro da Igreja da Inglaterra, liderados por leigos, com os objetivos de compartilhar, estudar a Bíblia, orar e pregar. Logo o trabalho de sociedades e classes seria difundido em vários países, especialmente nos EUA e na Inglaterra e estaria presente em centenas de sociedades, com milhares de integrantes. Com tanto serviço, Wesley andava por toda a parte a cavalo, conquistando o apelido de 'O Cavaleiro de Deus'. Calcula-se que, em 50 anos, Wesley tenha percorrido 400 mil quilômetros e pregado 40 mil sermões, com uma média de 800 sermões por ano. John Wesley deixou um legado de 300 pregadores itinerantes e mil pregadores locais. A Igreja Metodista, como Igreja propriamente, organizou-se primeiro nos EUA e depois na Inglaterra (somente após a morte de Wesley no dia 2 de março de 1791).

No Brasil, os primeiros missionários metodistas chegaram por volta de 1866.

Junius Estaham Newman, pastor metodista e Superintendente Distrital, foi o pioneiro da obra metodista permanente no Brasil. "J. E. Newman, recomendado para a Junta de Missões para trabalhar na América Central ou Brasil": essa foi a nomeação que ele recebeu em 1866, na Conferência Anual. Após ter servido durante a Guerra Civil Americana, como capelão às tropas do Sul, observou que muitos metodistas do Sul emigraram para as Américas do Sul e Central e acompanhou-os.

A Guerra deixou endividada a Junta, sem possibilidade de enviar obreiros para qualquer local. Newman financiou sua própria vinda ao Brasil, com suas modestas economias. Chegou ao Rio de Janeiro em agosto de 1867, mas fixou residência em Saltinho, cidade próxima a Santa Bárbara do Oeste, província de São Paulo. Desde 1869, pregou aos colonos, mas, dois anos mais tarde, no terceiro domingo de agosto, organizou o "Circuito de Santa Bárbara". O primeiro salão de culto - antes era uma venda - foi uma pequena casa, coberta de sapé e de chão batido. Newman trabalhava com os colonos norte-americanos e pregava em inglês. Um dos motivos da demora de Newman em organizar uma paróquia metodista, é que ele pregava, principalmente para metodistas, batistas, presbiterianos e a todos que desejassem ouvir sua mensagem, pensando ser mais sábio unir os "ouvintes" em uma única igreja, sem placa denominacional. Mas depois, todas as denominações organizaram-se em igrejas, de acordo com sua origem eclesíastica nos EUA. Newman insistiu, através de suas cartas, para que os metodistas norte-americanos abrissem uma missão em nosso país. Em 1876, a Junta de Missões da Igreja Metodista Episcopal Sul, despertada através da publicação das cartas nos jornais metodistas nos EUA, enviou seu primeiro obreiro oficial: John James Ransom. Dedicou-se ao aprendizado do português para proclamar a boa-nova aos brasileiros.

J. E. Newman e sua família mudaram-se para Piracicaba, SP, onde permaneceram entre 1879 e 1880, quando as filhas de Newman, Annie e Mary, organizaram um internato e externato. O "Colégio Newman" é considerado precursor do Colégio Piracicabano, hoje Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba).

O período entre 1876 e 1886 é geralmente denominado de "Missão Ransom", visto que ele organizou toda a estrutura. Ele não teve pressa para estabelecer o campo de trabalho: descartou Piracicaba, fez um reconhecimento do Rio Grande do Sul, mas escolheu o Rio de Janeiro como centro estratégico para propagar o metodismo.

J. J. Ransom iniciou sua pregação mais tarde, a fim de dominar o português. Em janeiro de 1878, iniciou sua pregação em inglês e português, no Rio de Janeiro. Os primeiros brasileiros foram recebidos à comunhão da Igreja em março de 1879, sem serem rebatizados. No mês de julho seguinte, quatro pessoas da família Pacheco foram recebidas.

Ransom casou-se com Annie Newman, no Natal de 1879, que veio a falecer em meados do ano seguinte. Ele regressou aos Estados Unidos em busca de mais pessoas dispostas a contribuir na tarefa missionária no Brasil. Voltou, dois anos

depois, com James L. Kennedy, Marta Watts e o casal Koger. Todos contribuíram na expansão geográfica da missão e também para a educação.

A educadora Marta Watts veio como missionária com a tarefa de educar crianças e moças brasileiras. O Colégio Piracicabano, primeiro educandário metodista no Brasil, foi fundado em 13 de setembro de 1881, com a matrícula de apenas uma aluna, Maria Escobar. Fatores como a capacidade e dedicação da diretora e o novo método do Colégio chamaram novas alunas, a partir do ano seguinte. O educandário foi a semente para a Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), criada em 1975. Frances S. Koger, ou simplesmente Fannie, fundou uma escola para crianças pobres em Piracicaba, demonstrando assim, o interesse pela educação de crianças pobres, um fato que não é tão conhecido. Além dos missionários fundadores das principais igrejas: Ransom, Rio de Janeiro, 1879; Koger, Piracicaba, 1881 e São Paulo, 1884; e Kennedy, Juiz de Fora, 1884 - destacam-se, por exemplo, três obreiros leigos que precederam Kennedy na preparação do trabalho em Juiz de Fora e outros primeiros obreiros leigos.

Bernardo de Miranda, Ludgero de Miranda, Felipe Relave de Carvalho e Justiniano de Carvalho receberam nomeação episcopal em 1886. Na Conferência Anual de 1887, com exceção de Ludgero, todos foram admitidos à Conferência, em caráter de experiência. Mas na Conferência Anual de 1890, o bispo J. C. Granbery admitiu os quatro obreiros, ordenando-os diáconos. Algum tempo depois, leigas foram chamadas de "Mulheres da Bíblia", ocupando-se com visitas e leitura da Bíblia com outras mulheres. Em 1º de janeiro de 1886, foi publicada a primeira edição do Metodista Católico, atual Expositor Cristão. (2)

Assim, quando falamos em "Tradição Wesleyana" queremos deixar claro que não se faz aqui uma afirmação aleatória. Ao contrário: o próprio Concílio do Vaticano II quando se refere às comunidades eclesiais que se separaram da Sé Apostólica Romana naquela grave perturbação iniciada no Ocidente já pelos fins da Idade Média, ou em tempos posteriores (3) conhecida na História pelo nome de Reforma, bem como a singular diversidade (litúrgica e doutrinal) que existe entre elas (4), reconhece, pelo menos do ponto de vista institucional, que não é possível definir esses grupos designados genericamente em nosso país como evangélicos de forma homogênea e tampouco unilateral.

Ao mesmo tempo, um breve exame da história de algumas dessas tradições denota que sua intrincada crônica ultrapassa, por vezes, várias tradições seguidas, o que nos impõe o dever de esmiuçarmos por cada uma delas para recuperarmos, no todo ou em parte, a essência de suas origens mais avoengas e seu papel social e institucional mais relevante. É o que tencionamos aqui ao trazeremos brevíssima síntese da história das comunidades de tradição wesleyana, e já nessa afirmação simples nos deparamos com duas questões de ênfase que não podem ser olvidadas.

Primeiro: há comunidades que se reconhecem como pentecostais, isto é, se situam numa outra tradição que desembarcou nessas praias por meio de missionários ou leigos que aqui iniciaram aquela obra que hoje é descrita em certos compêndios sociológicos como Pentecostalismo Clássico, isto é, a Congregação Cristã no Brasil e as Assembléias de Deus.

Segundo: há comunidades que reivindicam uma descendência que retrocede até a manhã do metodismo inglês do século XVIII, e se formos buscar ainda mais longe, ao pietismo alemão do século XVII, entre outros movimentos que abordaremos mais adiante. Portanto, a afirmação "tradição wesleyana", abarca pelo menos duas tradições distintas que se entrecruzam.

Quando Lutero iniciou a Reforma, no século XVI, sua intenção inicial não era a ruptura com a Igreja Católica, mas a sua reforma, ou melhor, como lembra Jacques Le Goff em História e Memória, o resgate de algo que ficara para trás (a Igreja Primitiva). A Reforma, porém, institucionalizou um tipo de igreja que em muito se parecia com a própria Igreja Católica, na medida em que também essa comunidade cristã sentiu a necessidade de uma interveniência do Estado para se legitimar e se institucionalizar. E se institucionalizando ela terminou por também assumir um

contexto dogmático com seus próprios sistemas de cosmovisão do mundo que, embora em oposição ao Catolicismo Medieval, compartilhava dele a mesma necessidade do poder civil para o legitimar.

Quem examina a Alemanha Luterana e a Genebra de Calvino verá que em ambos os casos a interdependência entre o Poder Civil e o Eclesiástico se estabelece como norma, como práxis, de acordo com o pensamento dos principais reformadores. Conforme Lutero, De minha parte eu não sei mas parece-me claro que em nossos dias os poderes seculares cumprem seu ofício com melhor êxito do que fazem os governantes eclesiásticos. Pois eles são rigorosos ao punir roubos e assassinatos, exceto na medida em que se deixam corromper por privilégios insidiosos. Com as autoridades eclesiásticas é diferente (...), eles, na verdade, priorizam sobremaneira a pompa, as ambições, a luxúria e as intrigas, de modo que, certamente seria mais seguro se também os assuntos temporais do clero estivessem sujeitos ao poder secular. (5) E de acordo com Calvino, o escopo do governo temporal é manter e conservar o culto externo, a doutrina e a religião em sua pureza, guardar a integridade da Igreja, levando-nos a viver com retidão, conforme exige a conveniência humana por todo o tempo que vivemos, adequando assim nossos costumes à vida civil, a fim de manter e conservar a paz e tranquilidade comuns.(6) Essa ruptura só irá se desencadear com o Pietismo Alemão e o Metodismo Inglês, dos séculos XVII e XVIII.

Não que esses movimentos sejam de ruptura. Wesley ama tanto a comunidade cristã antiga quanto o próprio Lutero. Mas no caso do Pietismo e do Metodismo a ênfase não estava mais em reformar - ou resgatar - mas numa dinâmica de enfatizar a responsabilidade individual da salvação, o que os pietistas chamavam de "Cristianismo Verdadeiro" ou "do Coração". Como diz Spener: Repetindo: tu ouvistes a palavra de Deus. Isso está correto. Mas não basta que o teu ouvido ouça. Será que também permites que essa palavra penetre no teu coração de forma que esse alimento celeste te conceda a vitalidade e poder? Ou é assim que ela entra por um ouvido e sai pelo outro? O Senhor nos diz em Lucas 11.28: "Bem aventurados são os que ouvem a Palavra de Deus e a guardam". Apenas o ouvir não te salva. Pelo contrário: caso não faças uso da graça recebida, tua perdição será ainda maior(7).

E o próprio Wesley, ainda antes de sua conversão, já pensava o mesmo em um sermão de 1733 chamado de "A Circuncisão do Coração", que é como ele descreve a disposição da alma que conduz a santidade, à purificação do pecado e de todos os vícios e impurezas que contaminam a alma. Implicam sobremaneira em humildade, fé, esperança e caridade (ágape, que em seu sermão ele traduz como caridade). (...) isto decepa inteiramente aquele pensamento vão: sou rico, sábio e não preciso de coisa alguma, e nos convence que somos, por natureza, "infeliz sim, miserável, pobre, cego e nu". Convence que, em nosso melhor estado, em nós mesmos somos todo pecado e vaidade; que a confusão, ignorância e erro dominam nosso entendimento; que paixões irracionais, terrenas, sensuais e diabólicas usurpam autoridade sobre a nossa vontade. Em uma palavra, não há nenhuma parte sã em nossa alma, que todos os fundamentos da nossa natureza estão torcidos.(8) E no sermão sobre o Espírito Santo ele aprofunda ainda mais as suas reflexões: O Espírito Santo tem capacitado os homens a falar em línguas, e a profetizar; mas a luz que mais necessariamente atende a ele é a luz para discernir as falácias da carne e sangue, para rejeitar as máximas antirreligiosas do mundo, e praticar aqueles graus de confiança em Deus e amor aos homens, cujo alicerce não é tanto nas aparências presentes das coisas, quanto em alguma que ainda virá. O objeto que esta luz nos faz mais imediatamente conhecer é nós mesmos; e em virtude disto, alguém que é nascido de Deus e tem a esperança viva pode, de fato, ver além, nos caminhos da Providencia, e mais além ainda, nas Escrituras Santas; porque as Santas Escrituras, exceto algumas partes acidentais e menos necessárias, são apenas a história daquele novo homem que ele mesmo é; a Providência é apenas uma sábia disposição de e ventos para o despertar de pessoas particulares, e maturando o mundo em geral para a vinda do reino de Cristo.(9)

Por isso, podemos dizer que essa História é uma ruptura contra determinada concepção de ekklesia, não propriamente porque ela tenha se esgotado, longe disso, mas certamente porque ela já não correspondia mais às necessidades espirituais de um grupo de ministros ordenados que ansiava por aquele algo mais que faz da *Communio Sanctorum* uma entidade distinta e singular no mundo.

Nesse caso em específico, essa ruptura não começa propriamente com a Reforma Protestante do século XVI, se bem que, para não deixarmos de ser óbvios, tudo começa ali. Essa ruptura em direção a uma Teologia do Coração, que é também um ponto de partida do Pentecostalismo, que tanto tem crescido em nosso país.

Essa teologia tem início no século XVII com os pietistas, e aprofunda-se com os metodistas e Wesley no século seguinte.

Com relação aos cristãos de tradição wesleyana, indicativo evidente dessa ruptura fica claramente configurado, por exemplo, no depoimento dos fundadores da Igreja Metodista Wesleyana, a maior vertente pentecostal do metodismo brasileiro, notadamente do Bispo Gessé Teixeira de Carvalho, que na época já havia quase vinte anos que exercia o ministério pastoral pela Igreja Metodista do Brasil e que citaremos aqui por ser talvez o mais sistemático. Conforme esse ministro, já em 1962 ele realizava um trabalho de avivamento da comunidade que pastoreava - Igreja Metodista Central de Volta Redonda, no vale do aço fluminense - e que continuou depois nas comunidades de Bangu e Rio da Prata, também no estado do Rio. Só quando dessa última nomeação é que começou, de fato, o envolvimento do futuro bispo wesleyano com os grupos pentecostais, especialmente com os do pastor Enéas Tognini que pastoreava a Igreja Batista do Povo em S.Paulo e que ministrou sobre dons espirituais na igreja onde o bispo Gessé pastoreava desde 1964, evento esse que desencadeou uma ampla campanha de avivamento naquela igreja, por sua ênfase nas ações do Espírito Santo, dons de cura, libertação, etc (10) e que prosseguiu no ano seguinte quando o mesmo bispo Gessé foi designado para a comunidade de Cascatinha, em Petrópolis, na Serra Fluminense, que se encontrava num estado descrito pelo bispo como de frieza e paralisia em todos os sentidos (11) e onde foi retomado o mesmo trabalho desenvolvido nas outras comunidades por onde passara aquele ministro, e com idênticos resultados.

A essa altura vários pastores estavam envolvidos dentro do movimento de despertar espiritual, número, aliás, bem expressivo, o suficiente para chamar atenção do gabinete episcopal da antiga I Região Eclesiástica da Igreja Metodista do Brasil que, tomando ciência dos fatos, enviou uma circular no qual afirmava que não era prática do povo metodista orar com imposição de mãos, expulsar demônios, cantar corinhos e fazer vigílias constantes. E a isso se seguiam outros fatos como a recusa de pastores em batizar crianças e uma busca pela santificação na forma de afastamento de diversões, pinturas, etc. (12)

Com esses procedimentos os ministros renovados já tomavam o caminho mais excelente (conforme a recomendação expressa da circular da I Região da Igreja Metodista do Brasil que fazia essa sugestão aos que não se adequassem às normas do ministério), saindo de suas fileiras para organizarem a Igreja Metodista Wesleyana no começo de 1967, não apenas o ano de fundação de uma denominação pentecostal, mas de uma transformação radical - eclesial, espiritual e social - das mais amplas significações. Contudo, a experiência de renovação espiritual wesleyana não é unilateral, isto é, não está restrita apenas a determinadas comunidades do interior e da Baixada Fluminense, mas a todo um movimento que desde a década de 1940 já vinha levantando espiritualmente comunidades metodistas em outras partes do país. Naquele momento, um grupo de estudantes da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, em S.Bernardo do Campo, estava vivendo experiências análogas às que o bispo Gessé e seus companheiros atravessariam duas décadas mais tarde. Eram cinco ao todo, dois de origem japonesa, Kinzo Uchida e Taisuke Sakuma, além de Oswaldo Fuentes, Alípio Flora Agostinho e Mário Roberto Lindstrom. A exemplo do que se passou com os pastores fluminenses, o movimento começa com reuniões de santificação que se transformam em poderosas experiências de arrebatamento e plenitude espiritual

que alcançam primeiro os seminaristas japoneses e, logo em seguida, todos os demais. E, do mesmo modo, a reação institucional das instâncias eclesiásticas e, do mesmo modo, a mesma acusação de que tais reuniões não expressavam a idéia de um metodismo autêntico(13) .

Igualmente, como no caso dos pastores do interior fluminense, o mesmo desconhecimento de cultos e organizações de cunho pentecostal, não obstante reproduzirem em suas práticas religiosas experiências análogas às do Pentecostalismo.(14) Da mesma forma também, a reação que se transformou em exclusão dos seminaristas da faculdade e do ministério eclesiástico na denominação metodista.(15) Também do mesmo modo temos a mesma decisão dos seminaristas em permanecerem unidos, e junto com eles o numeroso grupo de prosélitos formados no rastro da pregação dos estudantes e que em 1947, organizará a Igreja Evangélica Avivamento Bíblico, onde Lindstrom exercerá por mais de vinte anos seu trabalho ministerial.

Na Avivamento Bíblico, Mário Lindstrom exerce seu ministério pastoral por mais de vinte anos. Como a Wesleyana, a Avivamento Bíblico desdobra seu ministério a partir de centros urbanos periféricos, marcados por marginalização - social e eclesial - e, desse modo, infensos ao novo movimento religioso que adentra pelas comunidades metodistas paulistanas, contagiadas pelo despertamento espiritual que rompe o formalismo eclesiástico, mas que também ressignifica as relações eclesiais e sociais que a expansão urbana redefine nos grandes e médios centros urbanos contagiados pelo avanço da mancha urbana, especialmente severo a partir da década de 40. E logo esse ministério também passaria por um rápido crescimento, avançando pelo interior do estado de S. Paulo e Paraná e alcançando também a área industrial do ABC paulista, numa propagação que foi, para falar o mínimo, tão rápida quanto a da própria Igreja Metodista Wesleyana e que, reconheçamos, deve muito ao trabalho missionário e evangelístico do pastor Mário Lindstrom e sua atuação nas regiões citadas.

Assim, esse despertamento espiritual que comoveu o metodismo brasileiro em dois períodos distintos teve como seu principal centro de irradiação dois centros urbanos dos mais importantes do país, a cidade de S.Paulo, mais exatamente o ABC, e a região serrana, o vale do aço e a baixada fluminense no estado do Rio de Janeiro, Naquele mesmo ano de 1967 o pastor Mário Lindstrom viajou ao Rio para participar da Conferência Mundial Pentecostal que as Assembléias de Deus brasileiras organizaram naquela cidade, e lá, tomou contato com elementos da Igreja Metodista Wesleyana ainda nos primórdios de sua organização. A princípio, Mário Lindstrom imaginou uma fusão dos dois movimentos, a IMW e a Avivamento Bíblico, já muito próximas por suas origens e pelo ideário que os aproximava de busca ao resgate da genuína tradição avivalista do metodismo primevo, mas como isso não era consenso em seu ministério e considerando outras circunstâncias, o pastor Mário Lindstrom terminou por se desligar da Avivamento Bíblico, lembrando-se na IMW junto com um grupo de 301 pessoas da região do Jaçanã, que decidiram continuar congregados e solicitando a presença de Lindstrom para assistir a eles como pastor daquela comunidade (16).

O trabalho cresceu depressa e em 1973 era inaugurado o primeiro templo da IMW de Vila Nivi (17) que foi um dos pontos de partida do trabalho wesleyano na Cidade de São Paulo juntamente com a IMW de Itaquera, cuja obra foi iniciada por famílias oriundas do estado do Rio, que se instalaram na região de Itaquera, em 1968. Esses eventos, somando-se aos esforços realizados pelos pastores fluminenses no Rio levaram a IMW hoje alcançar todos os quadrantes do país num contínuo e abençoado crescimento.

Em suma, esses são os fatos históricos que constituem o cerne do movimento wesleyano

Em princípio, precisamos entender que o Cristianismo não possui homogeneidade em suas liturgias e dinâmicas de celebração, embora o sentido pleno da revelação cristã estiole toda e qualquer forma de divisão da comunidade, ainda que as questões dogmáticas a separem de forma aparentemente total.

Quando falamos delas, isso parece supor um segmento específico, mas na verdade, trata-se de grupos que podem exprimir de forma mais abrangente a dimensão da fé cristã sob um mínimo de unidade consensual e, paradoxalmente, uma diversidade cultural total. Por isso preferimos falar de tradições cristãs como um todo e não mediante subgrupos específicos dentro delas. Essas tradições são, por ordem histórica, a católica, a ortodoxa, a protestante e a pentecostal. Como escreveu o professor Antonio Magalhães, teólogo batista, ex diretor do programa de pós graduação de Ciências da Religião da Universidade Metodista de S.Paulo e atualmente lecionando na Universidade Estadual da Paraíba em Campina Grande, a fé cristã tem muitas faces eclesiais quando pensamos em subjetividades, nas comunidades específicas, nos espaços culturais que elas ocupam. Variedade não nos falta. Sempre foi assim, isto não é nem expressão de subjetividade moderna, nem diluição pós moderna, é algo constitutivo da própria igreja, porque só existe no plural, não no singular. Basta olhar para o passado e será fácil a constatação da pluralidade. (...) apesar da pluralidade, é possível encontrar quatro igrejas no sentido de tradição e confissão de fé, os quatro rostos mais significativos do Cristianismo mundial: o catolicismo, a ortodoxia, o protestantismo e o pentecostalismo. (18)

O cristianismo wesleyano tem pelo menos duas dessas matrizes. É protestante, na medida em que suas origens se vinculam ao metodismo histórico, ao movimento desencadeado por Wesley, com o qual se identifica e quer se identificar. Mas é também pentecostal na medida em que acolhe em quase total plenitude o espírito avivalista trazido pela mensagem dos missionários suecos que fundaram a Assembléias de Deus e da qual se resultou no próprio pentecostalismo brasileiro.

Como a Reforma do século XVI, o Metodismo do XVIII a as comunidades tributárias da tradição wesleyana dos séculos XX e XXI, o que se pretende não é a ruptura, mas o resgate de algo que se perdeu lá atrás. Esse resgate é a identidade de um povo, que, todavia, não é mais a mesma porque dois séculos de transformações e visões distintas do mundo nos separam daqueles cristãos que ouviram as pregações de Wesley, fora diferenças culturais e de temperamento não pouco significativas e que jamais poderão ser ignoradas.

O pentecostalismo, diz o professor Luis de Castro Campos Junior, atualmente atuando na Universidade Estadual do Norte do Paraná em Londrina, teve sua origem nas doutrinas de John Wesley. O fundador do metodismo acreditava que o homem devia, após a justificação, dedicar-se a santificação.(19) E também o professor Leonildo Silveira Campos, da UMESP, lembra o papel dos avivamentos ocorridos na Europa e na Nova Inglaterra no século XVIII como um dos pontos de partida do pentecostalismo moderno.(20)

Até mesmo Isael Araujo, pesquisador do Assembleianismo brasileiro, reconhece a influência do metodismo de Wesley (por meio da obra teológica de John Fletcher) na configuração do pentecostalismo, primeiro nos EUA e depois em terras nacionais.(21) Desse modo, podemos falar de uma tradição wesleyana, na medida em que se corresponde por vinculação histórica, ao nome de John Wesley e a Igreja Metodista, mas que é também híbrida, à medida que se vincula de corpo e alma ao pentecostalismo. De fato, e o próprio bispo Gessé confirma essa nossa tese, o que torna a IMW metodista até certo ponto é a idéia do governo eclesiástico, coisa cara aos iniciadores do movimento: no final de 1966 alguns colegas ficaram encarregados de visitar algumas igrejas de doutrinas pentecostais para que, no caso de serem excluídos da Igreja Metodista do Brasil, tivéssemos uma igreja em vista, pois não era nosso propósito criar uma denominação. Mas, verificamos que seria impossível um bom relacionamento do grupo com essas denominações dada a nossa estrutura de governo episcopal. Daí a criação da Igreja Metodista Wesleyana.(22)

Resultado disso é a manutenção das práticas pentecostais, hoje presentes nas maiorias das Igrejas no Brasil, mesmo em grande parte daquelas que se vinculam apenas à Reforma Protestante, ou seja, pregação avivada, conversão, batismo por

imersão e somente mediante o arrependimento (o que exclui o batismo infantil dos metodistas históricos), o batismo com o Espírito Santo, santificação, etc.

Mas a tradição wesleyana não é só a busca pela santificação: é também ação social, que como nos dias de Wesley também caracteriza o trabalho missionário, como, por exemplo, a obra social Bom Pastor, que atende crianças carentes na periferia de Guarulhos desde 1967 e que é uma referência para a vida educacional e social daquele município.

Dentre os contributos de tradição wesleyana, como bem aponta o Bispo Anderson Caleb, em recente publicação,(23) encontram-se:

(i) A centralidade das Escrituras Sagradas, cuja tradição da qual falamos não se aparta, ao contrário, está inserida, e a utilização da razão para a compreensão das verdades essenciais da fé;

(ii) A experiência do “Coração Aquecido” como vivência de uma religiosidade que experimenta o sagrado;

(iii) A mordomia da criação, isto é, o ser humano como criação “à imagem e semelhança de Deus” e portanto, dotado da dignidade que lhe é inerente, bem como o cuidado com toda a obra criada, com toda a natureza, compromissando-se com sua preservação;

(iv) As boas obras sociais que acompanham a fé do salvo, e assim manifestam a graça de Deus no cuidado com o próximo;

(v) O reconhecimento do livre arbítrio, cuja herança arminiana leva o wesleyano a afirmar a liberdade do ser humano diante da trama da própria história;

(vi) A salvação universal em oposição à ideia de eleição de um grupo privilegiado, o que nos leva a afirmar que todos os seres humanos são chamados à Salvação, sem distinção;

(vii) E por fim, o combate veemente contra toda forma de escravidão e contra toda guerra, assim como Wesley o fez em seu tempo.

Além, claro, das Igrejas Metodistas e do pentecostalismo há uma série de ramificações e comunidades igualmente tributárias e influenciadas pelo grande legado de Wesley: como as Igrejas do movimento Holiness, a Igreja do Nazareno, o Exército da Salvação, dentre muitos outros.

É por essas razões que pretendemos homenagear os cristãos de tradição wesleyana da cidade de S.Paulo e marcar com toda a reverência e solenidade esse evento no calendário da urbe. Por reconhecemos que a tradição de fé dessas comunidades é um referencial ético na vida da cidade, para as milhões de pessoas que hoje seguem alguma denominação seja ela pentecostal ou não, e que, mesmo que inconscientemente, se vinculam ao ideário de John Wesley e do avivalismo metodista do século XVIII e também por reconhecermos que essa história não pode ser apagada, olvidada ou escamoteada por estar impregnada na vida dessas comunidades que reproduzem uma práxis de fé que, como vimos, atravessou continentes, sociedades e culturas.

Soli Deo Gloria!

(1) O presente texto foi redigido com a consultoria de Edson Douglas de Oliveira, Professor de História da Rede Pública Municipal de Ensino, estudante de Teologia e membro da Igreja Metodista Wesleyana em Cohab II, Itaquera.

(2) Com informações do site:
<http://www.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=6945>

(3) DOCUMENTOS DO CONCILIO ECUMÊNICO DO VATICANO II [Unitatis Redintegratio, 2.19]

(4) Ídem, 2.19.

(5) LUTERO Martinho. Obras Seleccionadas, VIII [a Epístola do Bem Aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos, 1515], p. 326.

(6) CALVINO João. A Instituição da Religião Cristã [As Institutas], II Parte, Livro IV, cap. 20, p. 876-877.

(7) SPENER Phillip Jacob. Mudança para o Futuro [Pia Desideria], p.60-61.

(8) WESLEY João. Sermões, V, p. 65.

- (9)(http://www.metodistavilasabel.org.br/metodismo/sermoes_john.asp acesso 28/04/13).
- (10) REVISTA HISTÓRICA (1967-2009), IGREJA METODISTA WSELEYANA, p. 11.
- (11) Ídem, p. 12.
- (12) Ídem, p. 12.
- (13) LINDSTROM Mário Roberto. Chamado por Cristo, p. 33 - 39.
- (14) Ibidem, p. 37. Comparar com Revista Histórica... p. 11.
- (15) Ibidem, p. 42.
- (16) LINDSTROM Mário Roberto. ob cit, p. 75 - 76.
- (17) Ibidem, p. 79 - 80.
- (18) MAGALHÃES Antonio. Uma Igreja com Teologia, p. 15.
- (19) CAMPOS JUNIOR Luis d Castro. Pentecostalismo, p. 21.
- (20) OLIVA Alfredo santos & BENATTE Antonio Paulo. 100 anos de Pentecostes, p. 17.
- (21) ARAUJO Isael. Dicionário do Movimento Pentecostal. p. 587.
- (22) REVISTA Histórica, ob cit, p. 12.
- (23) ALMEIDA, Anderson. Doutrinas e Traições Wesleyanas: repensando nossa identidade e propósito

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, Anderson Soares Caleb. Doutrinas e Tradições Wesleyanas: repensando nossa identidade e propósito. Rio de Janeiro: Centro de Publicações da Igreja Metodista Wesleyana, 2013.
- ARAUJO Isael. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro, CPAD, 2007.
- CALVINO João. A Instituição da Religião Cristã. Tomo. II. São Paulo, Editora da UNESP, 2007.
- CAMPOS JUNIOR Luis de Castro. Pentecostalismo. São Paulo, Ática, 1995.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO DO VATICANO II 3 ed. São Paulo, Paulus, 2004.
- LINDSTROM Mário Roberto. Chamado por Cristo. São Paulo, Hosana, 2002.
- LUTERO Martinho. Obras Seleccionadas, vol VIII. São Leopoldo, Comissão Interluterana de Literatura, 2003.
- MAGALHÃES Antonio. Uma Igreja com Teologia. São Paulo, Fonte Editorial, 2006.
- OLIVA Alfredo santos & BENATTE Antonio Paulo. 100 anos de Pentecostes. São Paulo, Fonte Editorial, 2010.
- SPENER Phillip Jacob. Mudança para o Futuro (Pia Desideria). Curitiba, Encontro Editora, 1996.
- REVISTA HISTÓRICA. Igreja Metodista Wesleyana. Nilópolis, Centro de Publicações, 2009.
- WESLEY João. Sermões. Vol. 5. São Paulo, Cedro, 2000."